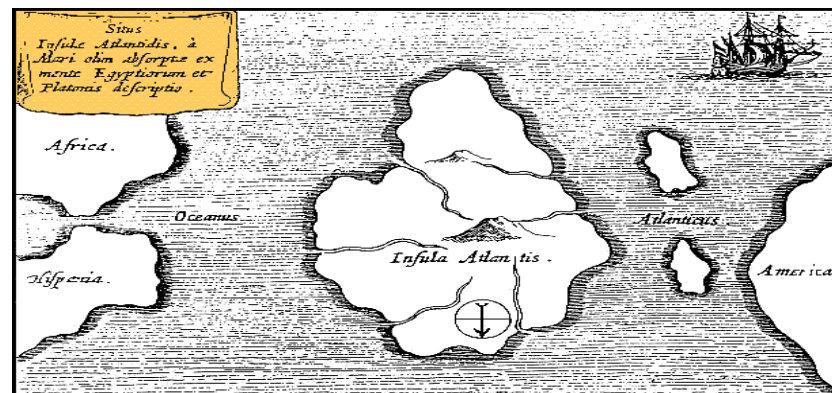


**CADERNOS de
ESTUDOS AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**



CADERNO Nº # 39 - EDIÇÃO fevº 2022

DEDICADO A DIOGO OURIQUE

Todas as edições em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

E no nº 5 da Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura
<https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello
COORDENADORA DOS CADERNOS 2021-2022
– Susana L M Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os
Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos
após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por **©TM® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,**
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
DVD ISSN 2183-9115 ONLINE ISSN 2183-9239



NOTA INTRODUTÓRIA

CHRYS CHRYSTELLO

Editor, Cadernos de Estudos Açorianos

Presidente da Direção da AICL, COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

No 11º *Colóquio da Lusofonia* [Lagoa 2009, então denominado 4º Encontro Açoriano] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt em Ponta Delgada).

Concebemos e organizamos em Braga, na Universidade do Minho, um Curso Breve **AÇORIANIDADE(S) e INSULARIDADE(S)** com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos uma associação com uma entidade universitária para que o curso possa ser dado em linha (online) para todo o mundo, com o nosso apoio e dos autores nossos parceiros revertendo os proventos de inscrição para a entidade que queira apostar neste curso.

Depois de 2011 foi possível a alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharem autores açorianos, e traduzirem excertos em 14 línguas (francês inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). Assim, alguns desses autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia. Decidimos então criar no portal www.lusofonias.net AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ([Cadernos de Estudos Açorianos e Suplementos \(lusofonias.net\)](http://www.lusofonias.net)) uma publicação trimestral: os **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores

açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre a peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única.

Foi em janeiro 2010 que brotaram estes despretensiosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. São de especial interesse para escolas, universidades e para os amadores da literatura em geral e destinam-se a quem anseia descobrir a Açorianidade literária. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a AÇORIANIDADE LITERÁRIA¹ servindo de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL-COLÓQUIOS DA LUSOFONIA já publicou².

Os Cadernos de Estudos Açorianos foram até 2016 uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Reitera-se que não há qualquer critério - além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores. Por falta de coordenador, estiveram suspensos e em 2020 foi nomeada a colega SUSANA ANTUNES como nova Coordenadora dos Cadernos. Além dos Cadernos Açorianos editamos, esporádica e aleatoriamente, SUPLEMENTOS AOS CADERNOS AÇORIANOS que servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos participantes ou pelos próprios.

Acolhemos como premissa o conceito de Martins Garcia que admite uma literatura açoriana «... *Enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*».

A açorianidade literária (termo inicialmente cunhado por Vitorino Nemésio na revista *Insula* em 1932, em paralelo com a Hispanidad de Miguel de Unamuno), não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Como escreveu J. Almeida Pavão (1988).

“ ... Assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da [Literatura] Continental”.

Assim, para nós [AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA], é Literatura de significação açoriana.

¹ Adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino (autor de *Narcose*, e que no meu caso pessoal tão bem me caracteriza

² Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos, Antologia (monolíngue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos, Coletânea de textos dramáticos de (5) autores açorianos, Antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras”

“...A escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”.

A AICL- COLÓQUIOS DA LUSOFONIA entende que o rótulo comum de açorianidade abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»³ e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

Muitos dos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **Antologia monolíngue** em 2012, na **Coletânea de Textos Dramáticos** de 2013, a que seguiu, em 2014, uma **Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”**. Nos CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS já se publicaram mais de três dezenas e meia (por esta ordem) dedicados a autores contemporâneos (a maioria presente nos colóquios):

Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá. Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Machado Pires, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Soares, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara. José Nuno da Câmara Pereira II, José Luís da Silva, João Pedro Porto, Diniz Borges. Francisco Cota Fagundes, Pedro Almeida Maia

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BGA bibliografia geral da açorianidade, compilada ao longo de sete anos (2010-2017). Incluímos nela todos os autores (açorianos residentes,

expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais, ilhanizados, açorianizados ou não, que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, incluindo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc. Incluíram-se referências bibliográficas a histórias da diáspora, da colonização do Canadá, EUA, Brasil, da caça à baleia e tantos outros temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas sim todos os ramos do saber sobre os quais se publicaram trabalhos, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, etc.

A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. Adicionaram-se, em muitos casos, outros trabalhos destes autores bibliografados que podem nada ter a ver diretamente com os Açores, mas que dão a sua dimensão como autores. De uma forma geral estão aqui incluídos todos os trabalhos que já logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e seus autores. Exaustiva é sem dúvida esta Bibliografia, ainda muito incompleta, iniciada por mim em 2010, mas decerto indicadora do que se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido sobre os Açores e seus temas, a autores, tradições, etc. Nem todos os trabalhos serão obras-primas ou relevantes, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Em 2017, o ICPD (João Paulo Constância), em o académico Rolf Kemmler da Academia de Ciências de Lisboa e UTAD, fizeram uma revisão metodológica aos dados da Bibliografia, publicada em livro de 2 volumes, pela Letras Lavadas em cuja Livraria de Ponta Delgada pode adquirir ou encomendar e que está atualmente em atualização em linha [5 BGA Bibliografia G Açorianidade \(lusofonias.net\)](https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html).

Nomeada a colega Susana Antunes como Coordenadora dos Cadernos de Estudos Açorianos já publicou, em pouco mais de um ano, cinco novos Cadernos (nº 34 JOSÉ LUÍS DA SILVA, nº 35 JOÃO PEDRO PORTO, nº 36 DINIZ BORGES, nº 37 FRANCISCO COTA FAGUNDES, nº 38 PEDRO ALMEIDA MAIA). Os Cadernos Açorianos entre 2010 e 2021 inclusive foram incluídos no nº 5 da **Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura** <https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html>



FOTO MIGUEL CÉSAR COTA

Diogo Ourique nasceu em 1991 e é natural da freguesia da Agualva (ilha Terceira).

Formado em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, já trabalhou como jornalista, cronista, locutor e assessor de comunicação.

Atualmente, trabalha como tradutor, revisor de texto, *copywriter* e guionista em vários formatos, desde a literatura à televisão.

É Coordenador Editorial da revista literária açoriana *Grotta* e autor de *Tirem-me Deste Livro* (2019; Letras Lavadas Edições, obra vencedora do 1º Prémio Literário Letras Lavadas/PEN Açores) e *Ainda Não é Bem Isto* (2021).

Apresentação do Livro
"Tirem-me deste livro"
 de **DIOGO OURIQUE**

cmpv.pt
 facebook.com/outonovivo

|27|
 OUTUBRO
 20H




Outono Vivo'19
 ACADEMIA DE JUVENTUDE E DAS ARTES DA ILHA TERCEIRA
 Rua Serpa Pinto nº66 | Praia da Vitória

organizado por  **PRAIJA DA VITÓRIA**
 Câmara Municipal

cooperativa **CPC** associação **PRAIJA CULTURAL**

patrocinado por  **Governo dos Açores**
 Administração Regional do Arquipélago da Madeira

 **Papelaria 96**
 papéis, materiais, livros e mais...

 **Associação Mutualidade Montepio**

 **terauto**

|27|
 OUTUBRO
 20H




2 Regional

Entrevista

Diogo Ourique é o autor de "Tirem-me Deste Livro", uma "história diferente, estranha, curiosa" que vai ser apresentada hoje, às 14h30, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional

"É uma metaficção que fala e tece comentários"

ANA CARVALHO RIBEIRO
LIVRO: DIÓGENES DE LAERTE

Diogo Ourique nasceu em 1991 e é natural da freguesia da Águeda, na ilha Terceira. Formado em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, já trabalhou como jornalista, cronista, leitor e assessor de comunicação. Atualmente trabalha como tradutor, revisor de texto, supervisor e gestor de vários formatos, desde a literatura à televisão, é coordenador editorial da revista literária açoriana "Grotta". Também vai escrevendo em blogs, aparceirado em vídeo e falando em podcasts, um social, ora acompanhado.

"Tirem-me Deste Livro" é o primeiro livro de Diogo Ourique. De que o motiva a escrever um romance? Há muito tempo que escrevo. Uma vez aqui, outra costinha ali... Ora crónicas, ora contos, ora apenas umas parvoíces em blogs e redes sociais já ando muito mais do que a escrever em paredes de casas de banho). Mas sempre tive o objetivo de, um dia, escrever algo de grande fôlego, um livro com um esqueleto mais espinoso e bem formado. E esse dia, chegou, finalmente. A verdade é que "Tirem-me Deste Livro" esteve a fermentar na minha cabeça desde que vi filmes como "Matrix", "Clube de Combate" ou "A Vida de Truman" (este último crucial) e andei a pensar em como interessar a alguém a uma perspectiva de questionamento da realidade de que nos rodeia também a literária. O que é de escrever tem-se aconsoado tarde, numa altura de maior vagar - e, por um lado, ainda bem, porque me permitiu aproveitar a minha mente e a vida lá e esta ideia que achava ter potencial. Esta obra é descrita como "unidade" pela editora Letras Lavadas. O Vamberto Freitas diz que Diogo Ourique foge à tradição de falar dos Açores,

"sem nada, absolutamente nada, perder para outras e radicalmente diferentes áreas da escrita criativa e de fôlego - de fôlego e quase de tirar a respiração nos seus leitores". Como se sente face a estes comentários?

Os comentários à obra têm sido enriquecedores, e não posso estar mais grato e satisfeito pelo retorno que tenho tido enquanto autor estranho.

Desde logo esses comentários da minha editora, a Letras Lavadas, a quem agradeço sempre que possível - principalmente na pessoa do editor Luís Soares Almeida - pela aposta na obra, há tanta diferença, estranha, curiosa. É preciso ter uma salutar abertura de mente para

embocar numa empreitada literária tão oníscia, como eles próprios dizem.

Depois, os comentários do amigo Vamberto Freitas - de freguesia vizinha da nossa Terceira - ainda mais se tornam por os saber gentis, dedicados (como só ele consegue ser), motivantes para a literatura açoriana (embora em

"Tirem-me Deste Livro" esteve a fermentar na minha cabeça desde que vi filmes como "Matrix", "Clube de Combate" ou "A Vida de Truman"

Dá permissão ao leitor para se inserir na obra e ver-se lá retratado, fazendo a sua própria interpretação do que naquelas páginas acontece



DAZ PEREIRA/DAZ

"Um dos projetos para o futuro próximo é comprar uma secretária com um mínimo de inteligência para conseguir acomodar todos os projetos literários que tenho planeados"

não escreva diretamente sobre os Açores, como ele bem repara, vindo ele de escritórios mais consagrados ou de outros sítios do anonimato, como é o meu caso. O Vamberto, experiente como é nos seus análogos, captou na pertinência "manças" da obra, percebeu tudo o que havia para perceber e ainda deu a sua própria interpretação daquilo que lei. Foi, portanto, o que de melhor achei fazer: deixar as palavras mentais e honrar (insisto) quem as escreveu.

O que podem esperar os leitores deste livro?

"Tirem-me Deste Livro" é uma obra que fala sobre uma personagem fictícia que se vai apetrechando de suas coisas justamente de personagem fictícia, e que começa então a questionar tudo à sua volta, e tenta entrar em contacto direto com o seu autor para lhe pedir explicações sobre o porquê de lhe ter dado uma vida em demérito. É uma metaficção que fala e tece comentários à construção de uma narrativa e ao próprio ato de escrever. Surgiu da vontade de um jovem escritor de perceber como é que se escreve um livro, e de contar a toda a gente quais foram as condições a que deu lugar. É de escrita simples, direta: por

que para, cumprida, já basta a vida real. E dá permissão ao leitor para se inserir na obra e ver-se lá retratado, fazendo a sua própria interpretação do que naquelas páginas acontece.

Lançada esta obra, quais os projetos literários para o futuro?

Lançada esta obra, sendo o próximo lançamento no dia 17 de novembro [hoje], na biblioteca de Ponta Delgada, no âmbito do encontro "Ocupação de Escritores", um dos projetos para o futuro próximo é comprar uma secretária com um mínimo de inteligência para conseguir acomodar todos os projetos literários que tenho planeados para um futuro mais alargado. De momento ainda estou na "fase" desta obra, como um pai que teve um filho e que, por enquanto, só o quer ver crescer, antes de pensar em ter outro. Mas sei que os vou ter, mais cedo ou mais tarde. O religião biológico-literário não perdoe, e as ideias já estão em lume brando há algum tempo. É só uma questão de levantar mais um pouco o bico do fogão e de as pôr a ferver. No imediato, no entanto, estou focado na nova edição da revista literária açoriana "Grotta", na qual participo e desempenho como coordenador editorial. Também vou voltar a fazer a edição (já é o diretor, Nuno Costa Santos, que prefica também a minha obra), e de dar mais um pequeno contributo para o vasto mar de páginas que já tem a nossa literatura insular. »



editorial

O ACORDO DAS LAJES SERVIRIA

Conforme temo escrito, a taxa adicional de 25% que a administração Trump mandou aplicar a uma série de produtos importados da Europa, já está a fazer os seus danos: um importador de queijo de S. Jorge, com origem na Califórnia, recebeu a encomenda de um contentor que estava em curso de expedição. Provavelmente o mesmo se registará com o queijo de S. Jorge, produzido na economia jorgeense. Um projeto de exportação de peixes da Terceira, tendo Miami como destino, foi colocado em mão maria pelos mesmos motivos. Responsáveis pelo setor já vieram lamentar esta postura e sugerir que as exportações de produtos açorianos para os EUA devam ser prestadas no Acordo das Lias, que prevê a redução de impostos no abrigo das contrapartidas. Esta rão chaves de razão, mas, a nossa boa maneira, só exigimos quando a coisa aperta. Salta à memória do comum dos mortais que quando se fala de contrapartidas não é apenas o cheque dos milhões de dólares que, em tempos muito idos, entrava nos cofres da Região. Por que esses dólares vagavam quando os portugueses não tinham o que fazer para, a quem quis, ensinar que Portugal, metido da abundância de dinheiro que vinha de Bruxelas, tinha passado à integridade o "peleto

da frente" da Acre. Os EUA ouviam e aprovaram a dita para retirar os 40 milhões que, anualmente, pingavam nos cofres acreanos; já que quem vai no polo da frente, perde por conta própria e não precisa de ajuda. Pelo lado, os Acrecos contrariaram a acolher, no seu seio, o amigo americano mas não conseguiram que o governo portugal se desinteressasse das suas fronteiras. Os Acrecos poderiam ter atenuado se o Acordo e as revisões seguintes previassem outro tipo de contrapartidas, nomeadamente as sugeridas agora pela lavoura. Elas até podem estar lá subentendidas mas como generalizações nunca foram traduzidas em letra, obviamente não existia. Aproximamos para o leitor, para não ficar com o arrefido, outra contrapartida interessante: seria dotar a Proteção Civil de meios de afortalecimento que não só serviriam para situações de catástrofe como apoiariam o sector da Saúde nas evacuações. Já sabemos que temos a prestimosa Força Aérea, com décadas de serviços bem prestados. Mas não fazia mal, para a defesa da população, acrescentar, até teria grandes utilidades, caso os Acordos não negociados por Lisboa, a nossa realidade é esquecida. ■

JÚLIO ROCHA [10]

Não é bom que o homem esteja só

"Há sempre alguém que precisa de nós. E alguém de quem nós precisamos. Nesta teia de relações, a compaixão e a solidariedade são os remédios – e nós os médicos – para a doença que mais faz sofrer e mais mata no mundo: a solidão."

JORGE ÁMILA DA SILVA [14]

Os voos de quem estuda fora de casa

"Os jovens de hoje têm as suas ambições mas vivem um certo desencanto com a ilha. Percebem que há compadrios em demasia. Quando vão para fora e se veem valorizados pelo seu mérito, já não querem voltar para certas áreas onde a cunha impera."

DIOGO OURIQUE, ESCRITOR

**“É na escrita
que eu quero
assentar
a minha vida”**

A estreia literária de Diogo Ourique ocorre com a edição do romance "Tirem-me deste livro". O jornalista e escritor terceirense vai estar, domingo, no "Outono Vivo", na Praia da Vitória.

VAI LANÇAR, NO PRÓXIMO DOMINGO, 27 DE OUTUBRO, NO FESTIVAL LITERÁRIO "OUTONO VIVO", NA PRAIA DA VITÓRIA, O SEU PRIMEIRO LIVRO COM O TÍTULO "TREM-ME DESTE LIVRO". O QUE O LEITOR PODE ENCONTRAR NO SEU PRIMEIRO ROMANCE?

"Tirem-me deste livro" é, antes de mais, uma obra de meta-ficção. É um romance sobre uma personagem fictícia, Daniel Rebelo, que se vai apercebendo aos poucos da sua condição de personagem fictícia e que por isso vai tentando pedir explicações ao seu próprio autor, ao mesmo tempo que tenta ganhar controle sobre a sua própria história.

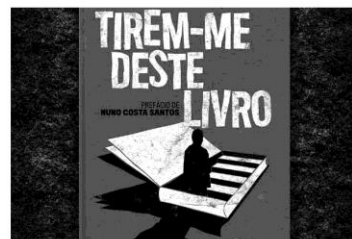
Fala sobre aquele bichinho que muitos de nós temos (ou já alguma vez tivemos), que nos faz questionar se tudo a nossa volta é real, ou se existe uma mega-conspiração centrada em nós e da qual nós próprios somos os únicos que não estão a par. É uma obra auto-consciente e que

tem o livro em si e a arte de escrever, no plano principal, tecendo críticas irônicas a si própria por ser uma obra de um autor iniciante, como é o meu caso.

TEM OUTRAS COISAS GUARDADAS NA GAVETA PARA PUBLICAÇÃO?

Este (agora) livro esteve algum tempo em muito boa companhia dentro de uma gaveta, realmente, e é talvez um dos irmãos mais novos de alguns projetos que se calhar já estão pensados há mais tempo, mas que ainda não tiveram a sua oportunidade de vir dar um passeio cá fora. Desde nos romances, a contos, e até a crônicas (algumas delas já testadas aqui nestas páginas, nos meus tempos de DI), há toda uma festa dentro de uma gaveta algures.

Com o tempo, qual devo de casa em dia de limpezas, exporo vê-la imaculada, ou pelo menos relativamente ordenada.



ROMANCE "Tirem-me deste livro" é uma obra de meta-ficção



DIAGO OURIQUE "Desde novos romances, a contos e até a crônicas, há toda uma festa dentro de uma gaveta algures".

HÁ ALGUM TEMPO QUE ASSUME AS FUNÇÕES DE COORDENADOR EDITORIAL DA REVISTA LITERÁRIA "GROTTA". QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DESSE PROJETO QUE VISA PROMOVER NOVOS VALORES DA LITERATURA ACORIANA?

A revista "Grotta" e ao diretor, Nuno Costa Santos (que prefacia o meu livro), devo grande parte de tudo isto que está a acontecer. Foi também essa experiência que me abriu algumas portas no mundo editorial, que me fez perceber como a máquina trabalha e que me deu coragem para mostrar um pouco mais do potencial da minha escrita, das tais ideias "em gaveta".

E é isso mesmo que se quer da "Grotta", também: dar aos jovens escritores do arquipélago, como é o meu caso, uma plataforma, uma rampa de lançamento, para que sejam os seus próprios Evel Knievels (mas sem os truques de moto, que isso pode aleijar).

Este ano regressaremos em força, como é nosso apanágio, fechando 2019 com uma quarta edição que já está a ser tratada.

TEM UM MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E JORNALISMO, MAS A SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL TEM ESTADO, SOBRETUDO, LIGADA À ÁREA DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS PARA PROGRAMAS DE

TELEVISÃO DE ENTERTENIMENTO. COMO TEM CORRIDO ESSA EXPERIÊNCIA?

Do jornalismo obtive pelo menos uma certeza, que até agora era apenas uma suposição: é na escrita que eu quero assentar a minha vida profissional. E, até agora, tenho tido essa felicidade.

De facto, abandonei um bocado a área de estudo, após algumas boas experiências, e comecei nomeadamente a escrever perguntas para concursos de cultura geral que passam atualmente na televisão.

Tem sido uma experiência muito positiva, porque estimula a criatividade e a cultura geral e permite perceber um bocado dos bastidores

res da televisão, meio para o qual faço planos de também um dia escrever mais extensivamente, aproveitando a margem de boas séries de ficção (e não só) que se têm feito ultimamente.

Ha o revés de ser uma espécie de vida de saltimbanco, pois praticamente todos os programas de televisão exceto os noticiários e "O Preço Certo" são efêmeros; mas até isso acaba por ser positivo, porque me obriga a dar tempo para me reinventar de tempos a tempos e para apostar em novos desafios, como este mais recente que a Letras Lavadas Edições (e o editor Luis Soares Almeida) me fizeram. ■

DIÁRIO INGLÊS - FICHA TÉCNICA: *Propriedade:* Diretoria Terceira de Publicidade, L. Pimenta, Colecção N.º 1222/244, 4.º Registo do T.M.B. [10/10] - **Local:** edifício do Diário. Hora e mês de edição: Novembro 1954. **Editorial:** Administração do Diário. **Redacção:** Terceira de Publicidade, L. Pimenta, Avenida D. Henrique, n.º 190/198, 4.º andar, Rua da Imprensa, 101/102 - **Telefone:** 294.010/294.011/294.012/294.013/294.014/294.015/294.016/294.017/294.018/294.019/294.020/294.021/294.022/294.023/294.024/294.025/294.026/294.027/294.028/294.029/294.030/294.031/294.032/294.033/294.034/294.035/294.036/294.037/294.038/294.039/294.040/294.041/294.042/294.043/294.044/294.045/294.046/294.047/294.048/294.049/294.050/294.051/294.052/294.053/294.054/294.055/294.056/294.057/294.058/294.059/294.060/294.061/294.062/294.063/294.064/294.065/294.066/294.067/294.068/294.069/294.070/294.071/294.072/294.073/294.074/294.075/294.076/294.077/294.078/294.079/294.080/294.081/294.082/294.083/294.084/294.085/294.086/294.087/294.088/294.089/294.090/294.091/294.092/294.093/294.094/294.095/294.096/294.097/294.098/294.099/294.100/294.101/294.102/294.103/294.104/294.105/294.106/294.107/294.108/294.109/294.110/294.111/294.112/294.113/294.114/294.115/294.116/294.117/294.118/294.119/294.120/294.121/294.122/294.123/294.124/294.125/294.126/294.127/294.128/294.129/294.130/294.131/294.132/294.133/294.134/294.135/294.136/294.137/294.138/294.139/294.140/294.141/294.142/294.143/294.144/294.145/294.146/294.147/294.148/294.149/294.150/294.151/294.152/294.153/294.154/294.155/294.156/294.157/294.158/294.159/294.160/294.161/294.162/294.163/294.164/294.165/294.166/294.167/294.168/294.169/294.170/294.171/294.172/294.173/294.174/294.175/294.176/294.177/294.178/294.179/294.180/294.181/294.182/294.183/294.184/294.185/294.186/294.187/294.188/294.189/294.190/294.191/294.192/294.193/294.194/294.195/294.196/294.197/294.198/294.199/294.200/294.201/294.202/294.203/294.204/294.205/294.206/294.207/294.208/294.209/294.210/294.211/294.212/294.213/294.214/294.215/294.216/294.217/294.218/294.219/294.220/294.221/294.222/294.223/294.224/294.225/294.226/294.227/294.228/294.229/294.230/294.231/294.232/294.233/294.234/294.235/294.236/294.237/294.238/294.239/294.240/294.241/294.242/294.243/294.244/294.245/294.246/294.247/294.248/294.249/294.250/294.251/294.252/294.253/294.254/294.255/294.256/294.257/294.258/294.259/294.260/294.261/294.262/294.263/294.264/294.265/294.266/294.267/294.268/294.269/294.270/294.271/294.272/294.273/294.274/294.275/294.276/294.277/294.278/294.279/294.280/294.281/294.282/294.283/294.284/294.285/294.286/294.287/294.288/294.289/294.290/294.291/294.292/294.293/294.294/294.295/294.296/294.297/294.298/294.299/294.300/294.301/294.302/294.303/294.304/294.305/294.306/294.307/294.308/294.309/294.310/294.311/294.312/294.313/294.314/294.315/294.316/294.317/294.318/294.319/294.320/294.321/294.322/294.323/294.324/294.325/294.326/294.327/294.328/294.329/294.330/294.331/294.332/294.333/294.334/294.335/294.336/294.337/294.338/294.339/294.340/294.341/294.342/294.343/294.344/294.345/294.346/294.347/294.348/294.349/294.350/294.351/294.352/294.353/294.354/294.355/294.356/294.357/294.358/294.359/294.360/294.361/294.362/294.363/294.364/294.365/294.366/294.367/294.368/294.369/294.370/294.371/294.372/294.373/294.374/294.375/294.376/294.377/294.378/294.379/294.380/294.381/294.382/294.383/294.384/294.385/294.386/294.387/294.388/294.389/294.390/294.391/294.392/294.393/294.394/294.395/294.396/294.397/294.398/294.399/294.400/294.401/294.402/294.403/294.404/294.405/294.406/294.407/294.408/294.409/294.410/294.411/294.412/294.413/294.414/294.415/294.416/294.417/294.418/294.419/294.420/294.421/294.422/294.423/294.424/294.425/294.426/294.427/294.428/294.429/294.430/294.431/294.432/294.433/294.434/294.435/294.436/294.437/294.438/294.439/294.440/294.441/294.442/294.443/294.444/294.445/294.446/294.447/294.448/294.449/294.450/294.451/294.452/294.453/294.454/294.455/294.456/294.457/294.458/294.459/294.460/294.461/294.462/294.463/294.464/294.465/294.466/294.467/294.468/294.469/294.470/294.471/294.472/294.473/294.474/294.475/294.476/294.477/294.478/294.479/294.480/294.481/294.482/294.483/294.484/294.485/294.486/294.487/294.488/294.489/294.490/294.491/294.492/294.493/294.494/294.495/294.496/294.497/294.498/294.



Tirem-me deste Livro



Diogo Ourique, *Tirem-Me Deste Livro*,
Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2019

Prólogo

Era um som ainda longínquo, mas ensurdecedor. Leonor já se tinha habituado a ouvi-lo, curto e calculado, mas, mesmo assim, ainda se indignava com a origem. É que o ser humano é intrinsecamente insatisfeito e cobiçoso, e, no caso dela, o facto de não conseguir andar aguçava-lhe ainda mais a inveja por ouvir os passos dos outros. Principalmente aqueles passos, inconfundíveis e irritantes, com os quais não conseguia parar de sonhar apesar de mal conseguir dormir.

As algemas com penugens cor-de-rosa, claramente tiradas ao desenrasque de uma qualquer mesinha-de-cabeceira lá da casa, não permitiam que adoptasse uma outra postura que não a de sentada de costas contra a parede, com os braços na região lombar e presos pelas próprias algemas numa corrente de aço que brotava do chão, qual planta trepadeira consciente que não deixa fugir a sua presa. Já não tinha dores, e aquela posição até tinha deixado de a incomodar, de tantas horas que tinha estado presa naquela garagem de uso claramente familiar. As ferramentas na parede – todas muito bem alinhadas –, o congelador que ainda funcionava – a julgar pelo suave e constante ruído que fazia –, a máquina de cortar a relva – suja de respingos de terra –, as duas bicicletas de montanha num dos cantos e os cestos de roupa suja davam a entender que vivia ali uma família. Só que a falta de uso da maior parte daqueles objectos, pelo menos durante os dias em que ela tinha estado ali presa (sem contar, claro, com algumas das malfadadas ferramentas e com o tal balde rachado, no meio do chão), dava também a entender que havia algo de errado. E Leonor tinha a perfeita noção de que tinha sido ela própria a causadora disso, da desgraça de Daniel; que, ao que tudo indicava, se tinha transformado em loucura.

Ele lá vinha, devagar, mas com entusiasmo audível, como sempre vinha ultimamente. Ou então Leonor é que já se tinha tornado especialista em distinguir e analisar sons; quatro dias de clausura fazem isso a uma pessoa. Os passos estavam agora mais próximos, e ela já previa que, a qualquer momento, ia ouvir o clique da fechadura da porta e a maçaneta ia rodar para revelar aquele que viria a ser o seu carrasco. Mas não. Houve um momento de silêncio quase total – no qual Leonor susteve a respiração – e depois Daniel começou a andar noutra direcção, para longe da porta.

No momento seguinte, Leonor olhou para o lado e lá estava ele, de pé, a olhar para ela e com um machado na mão.

– C-como é que fizeste isso?! – gaguejou, surpreendida.

– Simples. Descobri que o conseguia fazer – respondeu Daniel, num tom despreocupado e algo zombeiro.

Leonor continuou na dúvida. Aquela resposta... não fazia sentido. Mas não disse mais nada, com medo de poder antagonizar ainda mais Daniel; depois de tudo aquilo por que já tinha passado, era a última coisa que queria.

O homem levantou – subitamente e com as duas mãos – o machado afiado até este quase tocar nas tábuas do sótão da garagem e depois baixou-o na direcção de Leonor, abrindo-lhe o crânio e dividindo-lhe a cabeça ao meio quase até ao pescoço. Depois suspirou de alívio. Tinha

finalmente tratado do assunto, agora que estava praticamente certo de que ninguém o ia condenar – e, muito menos, punir – por isso.

Tirem-me deste livro!

Capítulo III

Já não havia muito espaço para dúvidas. Daniel estava mais certo daquela ideia do que alguma vez tinha estado de algo na vida. Sempre se tinha achado diferente de tudo e de todos. Pensava que poucas coisas no mundo tinham tanta importância como ele, por alguma razão. Bem sabia que aquilo se tratava, até certo ponto, de egoísmo e de soberba (pelo menos era o que toda a gente lhe dizia), mas não conseguia deixar de pensar nisso.

Agora tinha praticamente a certeza de que toda a vida tinha estado certo. De que o mundo gira à volta dele e de que tudo o que está ao seu redor é criado e forjado a pensar nele. Quando Daniel dorme, o mundo todo dorme, porque não existe sem ele. Quando Daniel acorda, o mundo volta a ter razões para existir. Isaac Newton concluiu que toda a acção desencadeia uma reacção oposta, e Daniel tinha a certeza de que, num plano ainda mais profundo, era ele próprio quem desencadeava tudo. Além disso, quem era realmente Newton? Teria existido? E a própria Física, em que é que consistia? Nunca o tinha percebido bem na escola, e talvez o objectivo fosse mesmo esse... não perceber. Teria, portanto, sido tudo inventado para ele?

Sim, finalmente Daniel sabia-o: era uma personagem fictícia! Não existia no mundo real, mas devia fazer parte do imaginário de, pelo menos, uma pessoa: aquela que escreve e descreve a vida dele; que o conhece como ninguém, até porque o criou do nada. É sobre Daniel que versa a história – toda aquela história –, e é por isso que o foco está nele e não em quaisquer outras pessoas/personagens.

Tirem-me deste livro!

Capítulo XII

Como é que uma personagem fictícia que toma consciência da sua própria realidade pode alcançar o seu autor? Pois, caro leitor, essa é a pergunta milionária... Na opinião de Daniel Rebelo, depende muito do tipo de personagem. Se se tratar de uma personagem real, ou baseada na realidade, então talvez seja mais fácil para ela alcançar o seu autor do que para uma personagem fictícia, como era o caso dele. Além disso, que género literário era este que ele estava a viver? Seria um romance? Uma ficção científica? O raio de um livro infantil? Era também isso que faltava saber.

Uma coisa era praticamente certa: o objectivo inicial do seu autor era que se tratasse de um romance, de uma espécie de história sem sal acerca da recuperação de um homem de raízes humildes após ser praticamente atropelado pelas vicissitudes da vida. Quem sabe até com uma pitada de auto-ajuda pelo meio, e terminando com uma filosofia barata acerca de conseguirmos superar tudo o que quisermos na vida. Só que Daniel tinha virado o barco e agora aquela história encontrava-se à deriva, no meio de um mar de possibilidades. Era como se alguém tivesse pegado num ser vivo perfeitamente definido – digamos, um cão – e o tivesse mergulhado num bidão de resíduos nucleares para ver o que saía dali. E saiu isto, uma espécie de cão-livro atropalhado.



O Afonso, o homem que só ama Matildes.

Afonso é uma pessoa relativamente normal em todos os aspectos da vida, excepto no amoroso. Isto porque, desde que se lembra de existir, só foi capaz de amar raparigas chamadas Matilde.

Sim, é verdade: todos temos os nossos gostos. Há quem goste de pessoas morenas ou loiras, altas ou baixas, com óculos, sardas, inteligentes ou rebeldes. Mas, a Afonso, calhou a especificidade de apenas conseguir gostar de Matildes.

Tudo começou com Matilde Sequeira, na escola secundária. Afonso até já tinha tido alguns namoricos em anos anteriores, como todas as crianças, mas nenhum tinha durado lá muito tempo – provavelmente porque nenhuma das suas efémeras parceiras de até então se chamava Matilde. Esta primeira, então, tinha dois passatempos: jogar basquetebol e bater em Afonso. Só que este, sempre que via aquele nome tão belo nas costas da camisola dela, esquecia o sofrimento por que passava.

A segunda chamava-se Matilde Correia. Era do mesmo curso universitário que Afonso, e aproveitava-se desse facto para lhe pedir que assinasse as aulas da manhã por ela enquanto se ia divertir na noite. Afonso não achava aquilo correcto, mas ver o nome dela ali na folha, ainda por cima escrito pela sua própria mão, era para ele uma fonte de atracção inesgotável. Infelizmente, a relação terminou quando esta segunda Matilde desistiu do curso para enveredar por *bartending*, não havendo já necessidade de Afonso assinar quaisquer folhas por ela.

A terceira Matilde chamava-se, na verdade, Ana Matilde, mas como era daquelas pessoas que prefere ocultar o primeiro nome, ainda conseguiu enganar Afonso durante algum tempo. Escusado será dizer que essa relação não teve muito sucesso em termos de longevidade.

A quarta foi a relação de maior duração que Afonso alguma vez teve. Ela chamava-se Matilde Pinheiro, o que acrescentava ainda mais à cumplicidade, porque Afonso tinha tirado licenciatura justamente em Dendrologia. Foi a mãe dos dois filhos dele, convenientemente chamados Matilde e Matildo. Era a esposa ideal, até ao dia em que o deixou porque descobriu que o Instagram do marido estava inundado de outras Matildes, e que a tendência era para a lista aumentar, tal era o vício dele. Havia a @matilde_couraça69, a @matildinha1987, a própria @serqueiramatilde e até a @matfát.pt.com, que afirmava que só trabalhava no Verão e era para o bronze embora todos soubessem que tinha desenvolvido uma grande carreira a vender droga lá nos subúrbios durante todo o ano.

Mas a verdade é que, apesar desta lista infundável de nomes começados pela letra “M” e acabados em “atilde”, ultimamente Afonso não tem tido sorte com mais nenhuma. Na sua idade actual já é difícil partir para grandes conquistas, além de que, depois de tudo o que sofreu, acaba por preferir a quietude de um mar pouco cavado em termos de amores.

Contudo, no outro dia, enquanto estava a passear, Afonso deu de caras com outra candidata que lhe prendeu imediatamente a atenção. E teria sido talvez a parceira perfeita, não fosse pelo facto de já estar morta e enterrada há algum tempo. Enfim... Pelo menos pela fotografia da lápide – que se podia ver ao lado do nome “Matilde” escrito a letras douradas – tinha-lhe parecido bastante bem.

O Rogério, o altruísta-extremista.

Eu tinha um amigo que era a pessoa mais altruísta que vocês alguma vez poderiam conhecer. Digo “tinha” porque ele, infelizmente, já faleceu. Justamente enquanto dava de comer aos mais necessitados.

Esses mais necessitados eram a sua própria família. Rogério era marido de uma esposa só e pai de dois filhos. Como não era um homem de grandes talentos, nunca conseguiu segurar um emprego o tempo suficiente para construir uma carreira, e, por isso, saltitava de salário mínimo em salário mínimo. Por isso, tornava-se cada vez mais difícil alimentar quatro bocas. Daí que Rogério tenha descurado completamente a sua, optando por não comer. Mas não, não foi de fome que ele morreu.

Um dia, quando ia fazer o pequeno-almoço para a família, Rogério reparou que já não tinham comida nos armários. Nada, zerinho! Por isso, teve de desenrascar qualquer coisa. Começou por cozinhar os seus pés. Não seria a parte mais saborosa do corpo, mas dava para entrada e também para ele se ir habituando à dor. Prensando-os contra a tostadeira, fez apetitosas tostas que serviu à família sem nunca lhes contar a verdade.

Depois, cozinhou as pernas. Agora sim, começava a haver carne de qualidade! Embora não fosse em grande quantidade, já que Rogério passava fome há tanto tempo que tinha quase desenvolvido pernas de periquito. Mas era saboroso roer o osso.

Os pratos continuavam a sair da cozinha, e a família sempre sem perceber o que se passava. Só quando Rogério começou a aproveitar as suas próprias tripas para fazer salsichas é que eles se aperceberam de que algo não estava certo: não era comum haver tanta comida à disposição naquela casa.

Quando foram à cozinha para ver o que se passava, deram com Rogério, ou o que restava dele, em cima do balcão mais próximo do fogão, já sem forças para continuar.

Ainda foram a tempo de ouvir as suas últimas palavras:

- Comam, comam... Que amanhã faço-vos uma omelete.

Eles nem perguntaram mais nada, porque não queriam sequer imaginar de onde raio achava ele que iriam sair aqueles ovos.

E, ai, Rogério morreu.

Paz à sua alma.

Essa ninguém comeu.

O Carlos, o futebolista que tem medo de marcar golos.

Olá, eu sou o Carlos. Assim mesmo, só Carlos. Não quero dar a conhecer a minha verdadeira identidade porque decerto vocês iriam reconhecer-me, tamanha é a minha fama... Mas queria desabafar um pouco convosco, sem ser julgado e/ou vilipendiado.

É o seguinte: eu sou um jogador de futebol. E um dos bons, atenção! Não há cá passes malfeitos ou remates para as bancadas. Só que, ultimamente, tenho estado “sob fogo” porque não marco golos. E não é por aselhice, nem nada que se pareça... É mesmo só porque tenho medo de o fazer.

Sim, sou um jogador de futebol que tem medo de marcar golos! Não gozem comigo, por favor, porque sou também uma pessoa bastante sensível e muito em contacto com os seus sentimentos...

E porque é que me dá os calafrios sempre que vejo a baliza adversária à minha frente, pronta a ser espingardada pelo meu portentoso pé direito? Porque sei que depois vêm os festejos, e é aí que o inferno começa. Calduços, chapadas, palmadas, moches, cachaços, puxões, agarrões, pontapés e encontrões. Tudo o que é contacto físico que deve

ser evitado no futebol jogado é canalizado para os festejos efusivos de um golo. No outro dia joguei 87 minutos sem ganhar sequer um arranhão, e bastou-me marcar um golo aos 88 minutos para sair do estádio com um olho negro e três ombros desmanchados. E eu só tenho dois ombros!

Já viram um jogador de futebol durante um jogo? Já viram o quão florzinhas de estufa nós somos em jogo corrido? Porque é, então, que, quando o jogo pára para se celebrar um golo, já podemos levar toda a porrada possível e imaginável?!

Por tudo isso, evito marcar golos. Assim, ao menos evito lesionar-me e posso continuar a ajudar a equipa em todos os outros aspectos do jogo.

Menos o guarda-redes... Esse, como está demasiado perto de uma baliza e eu tenho mesmo receio delas, está por sua conta.

Saudações desportivas (mas meiguinhas)!

O oculista que tem manias esquisitas.

Hoje de manhã fui a uma consulta para mudar de óculos. Julgava já precisar de lentes de maior graduação, o que realmente se veio a confirmar. Estou a ficar cada vez mais miope e, em parte, a culpa é vossa, porque me estragam com mimos e eu sinto-me na obrigação de vos escrever sempre que posso.

Mas enfim... Fui à consulta e correu tudo bem. O médico foi um porreiro, fez-me todos os testes necessários e, no fim, ainda me quis oferecer um chupa-chupa, mas eu recusei porque ia ter uma consulta no dentista a seguir. É, hoje foi dia de *check-up* geral.

O mais estranho foi quando o médico começou a elogiar os meus olhos, a dizer que eram muito bonitos, que pareciam ter o Mundo dentro deles e mais não sei quê. Achei esquisito, mas não disse nada.

Depois, obrigou-me a olhá-lo nos olhos durante largos minutos. Ele dizia que fazia parte dos exames, mas eu acho que não, até porque ele se lambia todo enquanto nos olhávamos.

Quase no fim, fez questão de me pedir a morada, o número de telemóvel, o *e-mail*, o perfil do Facebook e o nome do Snapchat. Disse-me que era para actualizar a minha ficha de cliente, embora eu tenha quase a certeza de que isso é uma tarefa que compete à senhora da recepção.

Para terminar, deu-me uma palmada no rabo e disse-me: «Obrigado! Vou fazer-te ver coisas que ainda nunca ninguém te fez ver». Ai eu já estava desconfiado de todo. Por isso, limitei-me a puxar as calças para cima e a vir-me embora.

Espero que o dentista, a seguir, seja mais profissional...

O vampiro que eu conheci na noite.

Ontem, depois do estranho episódio do oculista, decidi ir sair à noite para espalhar e conhecer gente nova e menos esquisita. Não tive sorte, porque conheci um vampiro. Sim, um vampiro. Daqueles que bebem sangue e têm afiados caninos.

A coisa aconteceu assim...

Sai à noite e conheci uma miúda. Ela estava pálida, coitada. Parecia que ia desfalecer a qualquer momento. Ofereci-lhe uma bebida, mas ela recusou porque estava

com o namorado, e contou-me que ele não apreciava que ela tivesse álcool no sangue. Para aliviar a tensão, respondi-lhe que, pelo aspecto dela, até parecia era mal ter sangue, de todo, e rimo-nos os dois imenso. Eu, pelo menos, ri, se bem que ela deu foi uma espécie de gemido de dor prolongado.

Quando o namorado chegou finalmente ao pé de nós – parecendo acabado de acordar –, nem se importou muito com o facto de estarmos ali à conversa. Aliás, pareceu até bastante entusiasmado por me conhecer, elogiando imenso a minha cara rosada. Acontece-me ficar corado sempre que saio à noite, talvez por causa do álcool aliado à quentura dos espaços nocturnos.

Depois de umas cinco ou seis larachas, conversa puxou conversa e acabámos por combinar uma cena a três. Mas, ao que parecia, tinha de ser em minha casa, porque a casa deles estava em remodelações, ou não sei quê (falaram-me em estacas e tábuas de madeira, por isso foi o que eu deduzi).

Lá fomos para minha casa, mas, a caminho, a rapariga sentiu-se mal. Aquilo que eu temia realmente aconteceu: ela estava com uma espécie de anemia esquisita. Levámo-la para o hospital – embora apenas eu tenha entrado, porque o namorado ficou à porta – e depois arrancámos os dois para a minha casa na mesma, combinando que o tipo dormiria no meu sofá da sala. A caminho, lá o gajo me confessou que era vampiro, e que era por causa dele que a namorada estava naquele estado. Eu não disse nada, porque não sou de me meter na vida dos outros, mas tomei uma nota mental de não lhe apresentar nenhum prato com alho no dia seguinte.

Chegados a casa, já quase de madrugada, instalámo-nos os dois nos respectivos aposentos e ele adormeceu quase instantaneamente, depois de fechar a janela e de se deitar com as mãos por cima do peito.

Acordei por volta do meio-dia e o tipo nada... Almocei e fui ver televisão para o quarto.

À hora do lanche, ainda nada... Não havia maneira de ele acordar.

Só quando se aproximou a hora do jantar é que ele despertou, sem adiantar qualquer justificação. Eu, como bom anfitrião que sou, também não quis tecer comentários, e por isso limitei-me a fazer o jantar para os dois. Lembrei-me da anotação mental e tomei cuidado para não incluir alho na receita.

Na hora de comer, pus-me a rezar, como de costume, e ele murmurou qualquer coisa visivelmente desagradável entredentes. Ao dar a primeira dentada, cuspiu-se todo, e eu reparei que ele tinha o interior da boca como que a arder. Estranhei, porque a comida não estava assim tão quente como isso, mas só depois é que ele me explicou, ainda a arfar: era um tipo de vampiro diferente, que reagia mal a cominhos e não a alho.

Senti-me péssimo, como seria de esperar, mas não poderia ter adivinhado aquilo. Nunca tinha sequer ouvido falar em tal coisa!

Ele despediu-se de forma abrupta – resmungando qualquer coisa sobre ir buscar a namorada ao hospital e ainda ter de entrar pela janela –, mas eu nem liguei. Depois daquele tratamento, fiquei deveras chateado.

E pronto, o vampiro foi-se embora e eu fiquei com uma panela de feijoadá à portuguesa com uma generosa dose de cominhos.

Alguém é servido?

A Alda, que morreu de *selfie*.

Estou bastante triste. Perdoem-me se vos escrever com um significativo pesar, ou até um ligeiro mau humor, mas é que acabei de chegar do funeral de uma amiga minha.

Essa amiga chamava-se Alda, e morreu de *selfie*. «De quê?», perguntam vocês? De *selfie*, sim. Não me façam ter de me repetir, já vos disse que hoje não estou bem.

O que se passou foi o seguinte: a Alda, perfeitamente consciente de que não fazia parte da lista das miúdas mais bonitas lá da escola, começou a descurar os estudos e a empenhar-se na arte de tirar *selfies*. Começou com câmaras fotográficas digitais e depois, quando a tecnologia o permitiu, passou para os telemóveis. Experimentou todas as técnicas: pôr os dedos em "V", fazer *duckface*, e até mostrar um pouco da parte inferior dos seios, com a barriga à mostra; de pouco lhe serviu.

Como nunca estava satisfeita, apesar de já contar com um número considerável de *likes* a cada *selfie* que tirava, continuou a tirá-las, às dezenas e centenas por dia. Começou a desenvolver uma forte rigidez no músculo do braço direito (era destra) e uma paralisia no ombro esquerdo (perdão, afinal era ambidestra). Quando lhe foram diagnosticados ambos os problemas, ainda tentou usar o *selfie stick* para tentar reverter – ou, pelo menos, remediar – a situação, mas já não foi a tempo. Alda estava condenada, tal como a moda dos *selfie sticks* estaria dali a uns tempos.

Numa fase final da sua vida, consta que ainda tentou pedir aos seus pares que lhe tirassem fotografias para ela colocar nas redes sociais, mas, ao que parece, achou sempre que, sem aquele bocadinho de braço esticado num dos cantos inferiores da imagem, as fotos nunca chegavam a ser grande espingarda.

Ainda não sei bem do que morreu a Alda. A autópsia fala em agravamento das suas condições nos braços, que se alastraram para o resto do corpo. Mas, para mim, foi de desgosto.

Alda foi cremada, a seu próprio pedido, e as suas cinzas espalhadas numa loja da Apple situada ao lado de uma fábrica de espelhos, as duas coisas de que ela mais gostava na vida.

Sinto falta da Alda.

Sinto falta das suas *selfies*.

Partilhem este texto em nome de todas as Aldas que conhecem neste Mundo.

Porque a minha, infelizmente, já não faz parte dele.

O Alfredo e o duche pela manhã.

Alfredo acordou de manhã e deixou-se ficar mais um pouco na cama. Afinal, conseguia ouvir os colegas de casa a tomar duche.

Era sempre assim, de manhã. A competição era feroz, e o duche era só um.

Quando despertou completamente, o duche continuava ocupado. Por isso, decidiu ir tomar o pequeno-almoço.

Já de barriga cheia, voltou a colocar o ouvido à escuta, mas continuava a ouvir o estalar da água no chão do polibã. Decidiu ir trabalhar, adiantar algumas coisas enquanto esperava.

Trabalhou, almoçou, voltou a trabalhar e regressou a casa. E era vê-los, ora uns a sair do duche enquanto ainda esfregavam a farta guedelha, ora outros a entrar de toalha e champô em punho.

Parecia uma linha de montagem, na qual entravam ainda badalhocos e saíam impecáveis a nível da higiene pessoal.

E Alfredo sempre sem conseguir tomar duche.

Acabou por decidir ir dar uma volta ao parque, para espairecer. Bebeu uma limonada, viu o pôr-do-Sol e regressou a casa. E jantou, porque a casa-de-banho continuava ocupada mas a cozinha, essa, estava livrinha da silva.

No dia seguinte, fez tudo de novo, porque ainda por cima a água às vezes esfriava sem ninguém saber bem porquê e atrasava ainda mais o processo.

Consta que, hoje em dia, Alfredo já terá falecido, tendo deixado como herança dois filhos e um neto.

Mas uma coisa é certa: nunca chegou a conseguir tomar duche.

Paz à sua alma badalhoca.

O Frederico e o excesso de água na boca.

Peço desculpa por vos estar a escrever novamente num tom um bocado cabisbaixo, mas é que morreu outra amizade minha.

Quer dizer, não foi bem a amizade que morreu, foi mesmo o amigo. Embora suponha que, depois da morte dele, não possa haver muitas mais interações de amizade entre nós... Seria só estranho.

Desta vez, quem morreu foi o Frederico. Ou o "Rico", como nós o chamávamos, só para contrariar aquelas pessoas que costumam abreviar para "Fred".

O Rico adorava comida, mas não gostava de comer. Sim, é verdade: o Rico apenas gostava de pensar na comida, imaginá-la, reflectir sobre ela.

A sua verdadeira tara era salivar. Era um caso estranho, quase patológico, mas era a cena dele e nós não o chateávamos, porque éramos verdadeiros amigos do Rico.

A sua rede social favorita, como devem imaginar, era o Instagram. Aliás, este seu vício começou por ele andar a apreciar as fotos de almoços e de jantares gostosos e cheios de filtros coloridos que os amigos iam publicando.

Tal como aconteceu como a Alda, também o Rico morreu, ao menos, a fazer aquilo de que realmente gostava: a imaginar comida.

O que aconteceu foi o seguinte: o Rico passou oito meses fora de casa, a viajar um pouco por todo o Mundo para conhecer o maior número de pratos e estilos de cozinha que pudesse para, mais tarde, já no conforto do seu lar, imaginá-los. À sua chegada, foi a casa dos pais, que o receberam de braços abertos e com uma mesa cheia de todos os seus pratos favoritos.

Rico não aguentou.

Cresceu-lhe tanta água na boca que ele afogou-se ali mesmo, sentado à mesa. Os pais ainda lhe atiraram uma bóia salva-vidas, o que foi só estúpido porque não o ajudou em nada e só lhe causou um hematoma na cabeça. Aliás, o patologista que analisou o corpo ainda pensou que a causa da morte tivesse sido o próprio hematoma, porque era só estúpido alguém morrer de excesso de saliva na boca. Mas, quando abriu o maxilar do Rico, reparou que era verdade. Tanto que foi obrigado a ir buscar uma esfregona ao bloco operatório (onde estavam a tentar estancar o sangue de um paciente) para ir limpar o chão da morgue.

É uma pena ver uma pessoa tão jovem e saudável como o Rico morrer assim, tão cedo. Sim, porque, apesar do seu amor pela comida, o Rico não pesava mais de 65 quilos (o seu peso ideal), já que não chegava a comer realmente; só se imaginava a fazê-lo.

Tenho saudades do Rico.

Tenho saudades daqueles jantares com o pessoal em que todos nós comíamos e ele ficava só especado a ver-nos.

Grande abraço, Frederico! Espero que estejas a imaginar a melhor refeição do Mundo aí em cima.

Hoje é uma resma de papel A4 com 500 folhas.

A Sra. Segunda-Feira.

A Sra. Segunda-Feira não é a pessoa mais popular lá da aldeia.

Aliás, sempre que alguém a vê passar, a tendência é para praguejar e insultá-la com todas as letras do alfabeto.

Quando a Sra. Segunda-Feira entra em algum sítio, seja um café ou uma sala de cinema, as pessoas tendem a ficar logo maldispostas. É um sentimento quase automático.

Quando há um ajuntamento de família – para o qual ela é convidada apenas por obrigação –, a Sra. Segunda-Feira fica sempre numa mesa à parte, porque ninguém quer conviver com ela.

Ora, tenho para mim que tudo isto se deve ao facto de ninguém apreciar realmente os esforços da Sra. Segunda-Feira.

A Sra. Segunda-Feira é uma mulher responsável, séria, trabalhadora, honesta e adulta. Gosta de repor a ordem quando os outros à volta dela se excedem na boa vida.

Só que, um dia, vi a Sra. Segunda-Feira meter-se com o Sr. Feriado.

Foram os dois para as traseiras do centro comunitário, fazer sabe lá Deus o quê.

Foi nesse dia que percebi que até as pessoas mais santas têm, por vezes, os seus desvarios.

Que bom para si, Sra. Segunda-Feira!

Você merece.

O Cristóvão, a besta que também era pirómano.

Cristóvão era um homem danado. Gostava de atear fogo a tudo o que via.

Na vida de Cristóvão, tudo tinha de ser comprado aos pares: um exemplar era para usar, o outro para queimar.

Gostava, no fundo, de ver como reagiam as mais variadas coisas quando eram queimadas. Por isso, queimava papéis, lápis, garrafas de plástico e sapatos.

Também queimava electrodomésticos e alguns pequenos veículos, como bicicletas e o ocasional *skate*.

Cristóvão era, no fundo, uma besta.

Besta e pirómano, que parece ser esse último o termo técnico.

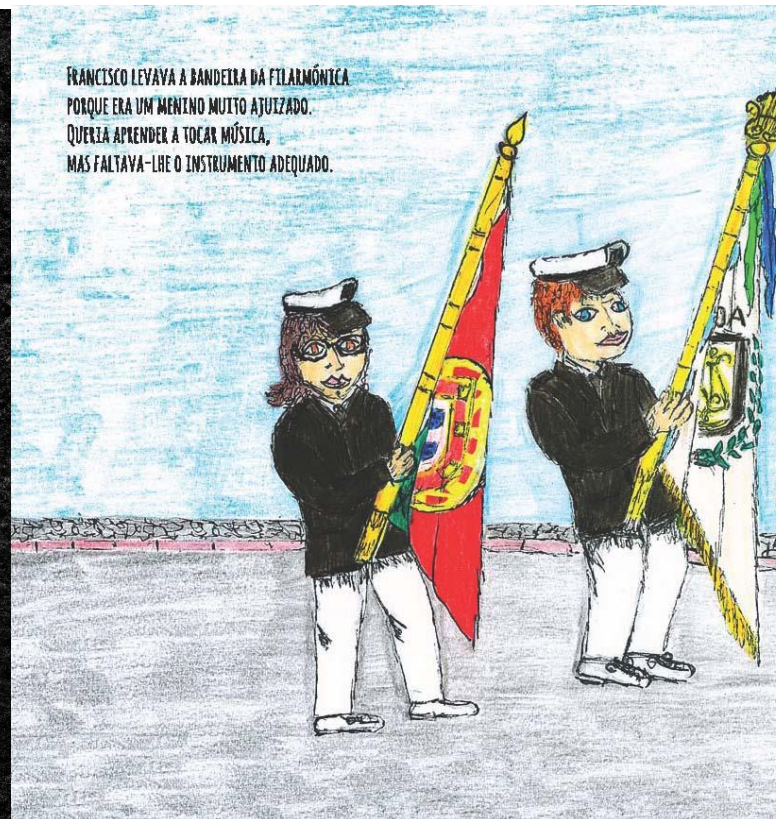
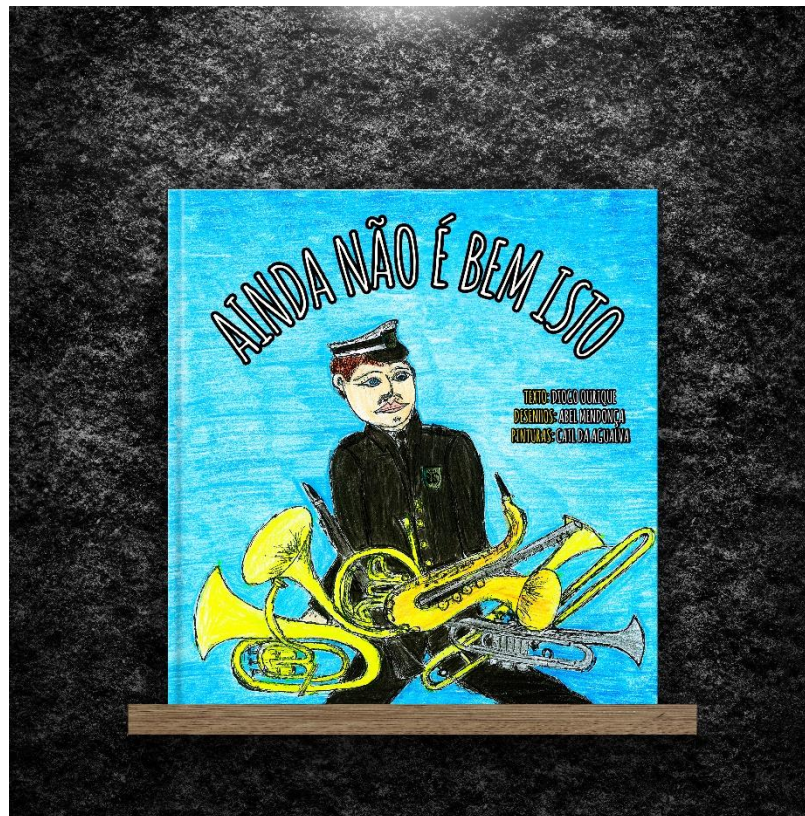
Um dia, Cristóvão foi fazer um piquenique e achou boa ideia queimar um pouco de tudo aquilo que a sua vista alcançava, só para experimentar.

Queimou algumas ervas, um ou outro arbusto e mesmo umas quantas folhas de árvores. Tentou até queimar a água de um riacho que lá havia, tão besta era Cristóvão!

Mas o pior foi quando quis queimar uma árvore e ela contra-atacou.

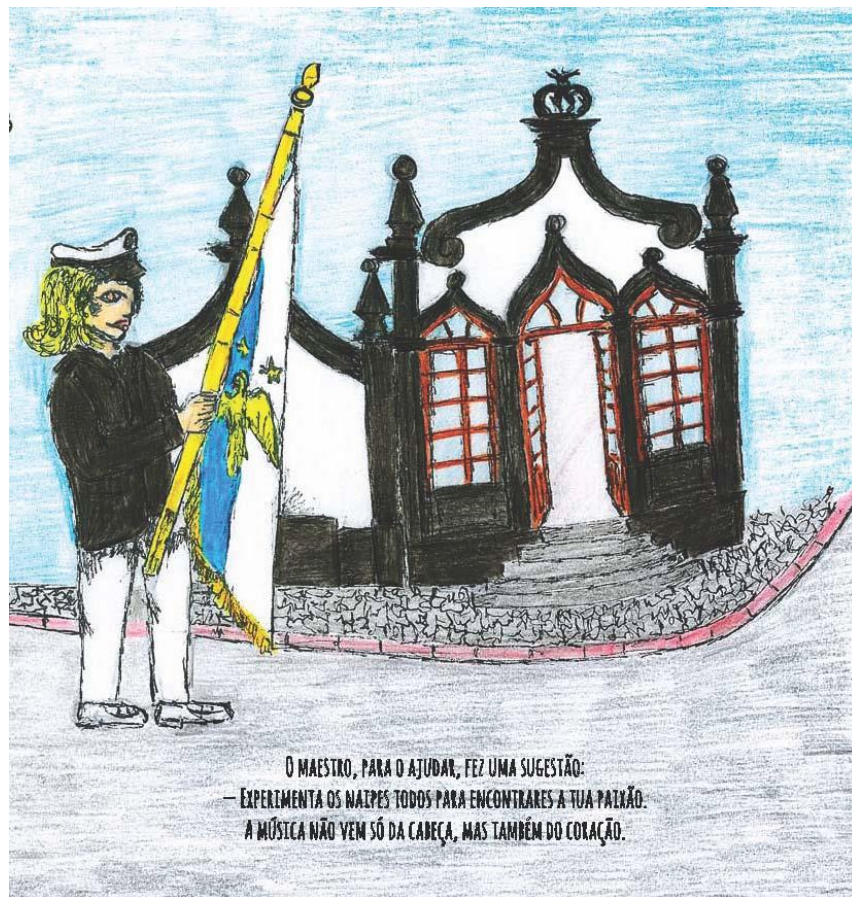
A árvore levantou Cristóvão tão alto, com os seus ramos fortes e agora desfolhados, que ele morreu ainda antes de chegar ao solo.

E o que é que aconteceu a essa árvore, a verdadeira heroína daquela floresta?



SFESA APOSTA EM VÁRIOS EVENTOS AO LONGO DESTA ANO E DO PRÓXIMO

Livro infantil nos 100 anos da filarmónica da Agualva



"AINDA NÃO É BEM ISTO" Obra mostra mundo das filarmónicas pelos olhos de uma criança

Dois agualvenses, Diogo Ourique e Abel Mendonça, assinam um livro que foi colorido pelas crianças da freguesia.

A Sociedade Filarmónica Espírito Santo da Agualva (SFESA) está a assinalar o seu centenario. Começa com o lançamento de um livro infantil, a um de outubro, que mostra as novas gerações o universo de uma filarmónica.

"Ainda Não é Bem Isto" foi escrito por Diogo Ourique, com ilustrações de Abel Mendonça, dois agualvenses. As ilustrações foram coloridas por crianças do Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL) da Agualva. O livro é lançado, pelas 21h, na sede da SFESA. A edição é da Câmara Municipal da Praia da Vitória.

Diogo Ourique explica ao DI que a obra surge de um convite que partiu do presidente da SFESA. "Acabei por me lembrar de fazer um livro infantil, o que nasce do meu gosto pela literatura para crianças, pela música e pela filarmónica. Temos uma

instituição centenária que envolve os mais jovens é sempre uma coisa ótima", afirma. A história contada no livro é a de um menino que quer aprender a tocar música, mas que ainda não escolheu um instrumento. "Página a página, encontramos uma ocasião diferente. Uma precisão, um ensaio da música", explica Diogo Ourique.

DEPOIS DA PANDEMIA

A SFESA está agora a reencontrar o seu ritmo, depois da paragem imposta pela pandemia.

"Temos afetados, como as filarmónicas todas. Estamos empenhados em vários projetos, na celebração dos 100 anos, em concertos... Havia essa fome de voltar aos ensaios e aos convívios", refere Diogo Ourique.

A direção da SFESA é "maioritariamente jovem", o que demonstra que

a tradição continua.

LIVRO CHEGA A ALUNOS DO 1.º CICLO

A apresentação do livro contará com os dois autores da obra, Diogo Ourique e Abel Mendonça, bem como do presidente da Federação de Bandas Filarmónicas dos Açores, Marco Torre, do atual presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória, Tibério Dinis, e do Presidente da SFESA, Marco Rocha.

Esta obra será apresentada e distribuída pelas escolas aos alunos do 1.º ciclo do ensino básico do concelho da Praia da Vitória.

Um objetivo é, no futuro, alargar a distribuição da obra a outros concelhos e ilhas, dado que a cultura das filarmónicas atravessa a região.

O programa festivo para assinalar o centenario da SFESA estende-se até ao final de 2022. Tem o seu auge no dia 19 de março desse ano, o dia de fundação desta instituição centenária (1922-2022).

Hoje, a Sociedade Filarmónica Espírito Santo da Agualva conta com perto de meia centena de elementos. ■

GARANTE BOLIEIRO

Região disponível para apoiar Canárias

O presidente do Governo Regional, José Manuel Bolieiro, afirmou, ontem, que o secretário regional da Saúde e Desporto, que tutela a Proteção Civil, está "preparado e empenhado com a necessidade de alocar meios e os recursos que venham a ser solicitados" pelo Governo das Canárias.

O vulcão Cumbre Vieja, em La Palma, Canárias, entrou, no domingo, em erupção.

Dezenas de casas foram destruídas. A retirada de cinco mil pessoas, pelas autoridades, evitou vítimas.

Foram disponibilizados "recursos humanos e técnicos, designadamente ao nível de proteção civil" para auxiliar a população, frisou José Manuel Bolieiro.

"O Presidente do Governo Regional dos Açores, José Manuel Bolieiro, já teve a oportunidade de demonstrar solidariedade para com o seu homólogo das Canárias, Ángel Víctor Torres Pérez, transmitindo uma mensagem de apoio e disponibilidade a propósito da erupção do vulcão Cumbre Vieja, na ilha de La Palma", avançava já, no domingo, um comunicado divulgado pelo gabinete de comunicação do Governo Regional.

"Para além da mensagem de apoio, José Manuel Bolieiro sublinhou a disponibilidade de os Açores prestarem apoio às Canárias a nível logístico e de recursos humanos, nomeadamente através de investigadores e profissionais da Universidade dos Açores", era sublinhado.

La Palma, com 85 mil habitantes, é uma das oito ilhas do arquipélago das Canárias, o maior e mais populoso arquipélago da Macaronésia, que integra os Açores.



LA PALMA Vulcão entrou, domingo, em erupção, na zona de Las Manchas



PRAIA DA VITÓRIA
Câmara Municipal

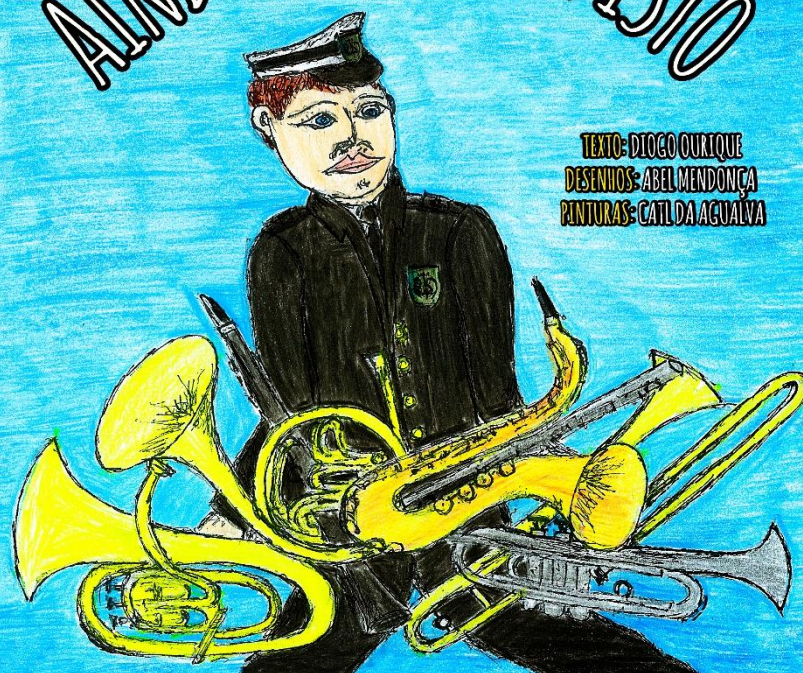


PROIBIDA A VENDA. APENAS PARA DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

AINDA NÃO É BEM ISTO

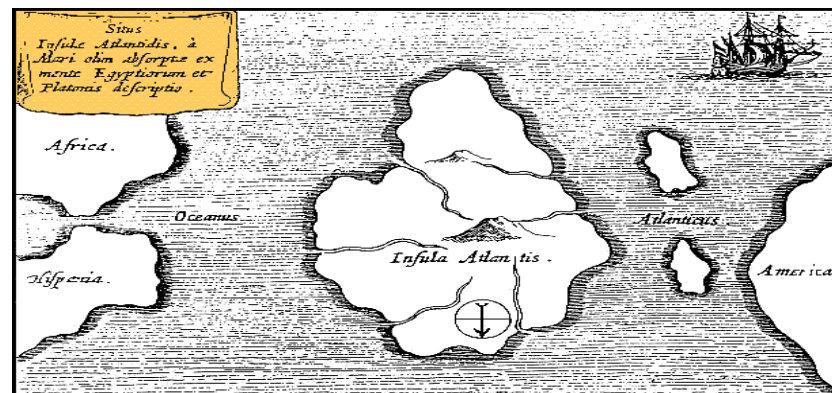
AINDA NÃO É BEM ISTO

TEXTO: DIOGO OURIQUE
DESENHOS: ABEL MENDONÇA
PINTURAS: CATILDA AGUALVA



**CADERNOS de
ESTUDOS AÇORIANOS**

**REVISTA DE
ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E
LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA**



CADERNO Nº # 39 - EDIÇÃO fevº 2022

DEDICADO A DIOGO OURIQUE

Todas as edições em <http://www.lusofonias.net>
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

E no nº 5 da Revista de Estudos Lusófonos, Língua e Literatura
<https://www.lusofonias.net/documentos/revistas.html>

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello
COORDENADORA DOS CADERNOS 2021-2022
– Susana L M Antunes

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os
Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos
após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por ©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA AICL,
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
DVD ISSN 2183-9115 ONLINE ISSN 2183-9239